



Não há como iniciar esta oração sem considerar a importância de sua oportunidade: a de resumir e representar o pensamento de 650 pessoas, a maioria jovens, no encerramento de sua graduação universitária. Importância que cresce na medida da singularidade desta oportunidade que deveria ser a culminação necessária e rotineira de um processo de formação e capacitação e que, anormalmente, se transforma em ocasião rara e formal - o momento da manifestação do universitário - tantas vezes calado em suas reivindicações, quase sempre desestimulado do exercício da livre expressão de seu pensamento e de suas aspirações, marginalizado das decisões sobre o futuro de uma instituição de que ele é parte essencial e cujos objetivos deveriam voltar-se prioritariamente para ele. Ocasião singular a de reter, ainda que por força de um ritual permitido, a atenção de tanta gente reunida solenemente, de romper o vácuo de alguns pares de ouvidos moucos e expor, sem mediação, nossa presença como motor da história e não como matéria prima de um desenvolvimentismo demagógico.

Pela sua singularidade, pois, renunciamos ao formalismo emocional das despedidas e agradecimentos tradicionais a que nos condicionam os esquemas domésticos de massificação cultural e consolidação do status quo. O reconhecimento da graduação universitária como etapa para a manutenção de privilégios de uma elite que manipula o poder ou para a ascensão a uma classe social economicamente diferenciada, nos obriga a uma atitude crítica de interpretação do subdesenvolvimento e a uma verticalização no conhecimento da realidade nacional e da universidade brasileira. É imperativo, pois, que expressemos nossa justa emoção e a esperada gratidão aos que nos acompanharam com a comprovação de que não foram vãos estes anos e com a justificação de um privilégio de que desfrutamos: o do acesso a uma universidade. À nossa emoção, contrapomos a frustração do alto percentual de jovens que, desde o primário, vão sendo alijados do processo educacional, sem poderem driblar os esquemas do monopólio do saber. À gratidão a nossos pais, companheiros, famílias e amigos que, certamente, juntam à nossa a sua emoção, acrescentamos o débito a que nos obriga a consciência das contradições inerentes ao nosso sistema educacional.

O sistema educacional brasileiro faz uma seleção distorcida, não orientada no sentido de uma diversificação baseada nas possibilidades e interesses concretos do aluno e nas necessidades objetivas da sociedade nacional como um todo, mas como um meio de manter as desigualdades já existentes. Tal qual existe, nosso sistema educacional favorece as camadas da população que já estão no poder e as que estão em ascensão para o poder. Exclui o resto da população, com a exceção dos indivíduos que, tendo adquirido pes -